

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

ANA LARISSA DO NASCIMENTO MARANHÃO¹

RESUMO

O artigo trata da importância da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico, teve como objetivo destacar a importância da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico. Para fundamentar esse estudo buscou-se refletir sobre as concepções de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky e outros autores que trazem considerações sobre o processo de leitura; bem como, nas pesquisas de Freire (1989), Nóbrega (2014), Silva e Kohn (2016), BNCC (2018), Sousa e Almeida (2015), que trazem questões acerca da promoção de um leitor crítico. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica. O estudo justifica sua relevância à medida que é na infância que se inicia o processo de desenvolvimento da leitura. Diante das leituras considera-se o ato de ler como ação crítica pode se iniciar ainda na infância, nos anos iniciais, diante de situações de prática de leitura de textos reais e contextualizados, que sejam instigantes e significativos.

Palavras-chave: Leitura. Leitor crítico. Anos iniciais.

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Especialista em Psicopedagogia – UVA. Especialista em Alfabetização e Letramento – PLUS. Graduada em Pedagogia – UECE. Professora pedagoga - SME, la.maranhao@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A habilidade de ler geralmente se desenvolve ainda durante a infância. Esta habilidade pode começar a partir do momento que a criança se percebe pertencente a um universo socialmente letrado, onde a comunicação se estabelece por letras, números e símbolos. Saber interpretar esta comunicação desde cedo dá a criança a oportunidade de interagir no mundo. Quando já consegue identificar um objeto pela sua cor e formato, quando percebe que notas e moedas têm diferentes valores, quando consegue “ler” uma determinada marca de alimento pelo rótulo; nesses momentos a criança já iniciou seu processo de leitura e letramento, e por consequência já estabelece uma relação de comunicação com o mundo a sua volta.

Contudo, apesar do processo de leitura se iniciar de modo quase que natural em um ambiente de comunicação onde se predominam letras, números e símbolos; destaca-se que, será na escola, como ambiente de educação formal, que esse processo será sistematizado e ambiente propício para que esta leitura letrada seja também crítica e reflexiva.

Desse modo, o presente estudo busca destacar a importância da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico. E, apresenta como objetivos específicos: Caracterizar como se dá o processo de leitura nos anos iniciais a partir da psicogênese da língua; Refletir sobre a formação do leitor crítico.

Neste sentido, este trabalho fundamenta-se nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky e outros autores, que trazem reflexões sobre o processo de aquisição da leitura; bem como, nas pesquisas de Freire (1989), Nóbrega (2014), Silva e Kohn (2016), BNCC (2018), Sousa e Almeida (2015), que trazem questões acerca da promoção de um leitor crítico. Assim, este texto fundamenta-se como pesquisa qualitativa com características de estudo bibliográfico.

O presente trabalho encontra-se organizado em tópicos, quais sejam: o primeiro tópico intitulado Introdução, onde se apresenta o estudo; o segundo retrata o Processo de leitura nos anos iniciais a partir da psicogênese da língua, momento em que se buscou caracterizar como pode se desenvolver esse processo na criança; o terceiro aborda a Formação do leitor crítico, tópico em que se realiza uma reflexão sobre a promoção dessa criticidade desde a infância; e por fim, as

Considerações finais, espaço em que se considera os objetivos a partir dos estudos realizados.

2 O PROCESSO DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS A PARTIR DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA

As pesquisadoras Emilia Ferreiro e Ana Teberosky tecem seus estudos a partir da observação de uma lacuna presente na teoria da construção do conhecimento de Jean Piaget, este vácuo na pesquisa diz respeito ao desenvolvimento da leitura e escrita.

A teoria da psicogênese da linguagem oral e escrita caracteriza-se como uma revolução no modo como se observa esse processo, principalmente, quando este se apresenta ainda em crianças pequenas (entre 4 e 6 anos). O contexto de pesquisa das pesquisadoras se conduziu na América do Sul, primeiramente na Argentina, durante a década de 1970, onde os índices de fracasso escolar estavam atrelados a evasão escolar e ao método de ensino (silábico ou fonético). Atrelado aos fatores apresentados, a teoria psicolinguística de Noam Chomsky também teve determinada influência no desenvolvimento da psicogênese da linguagem oral e escrita; bem como, o construtivismo americano de Kenneth Goodman, que percebe a linguagem como um processo e invenção social. (ANDRADE, ANDRADE, BRADO, 2017).

Para Ferreiro, de acordo com Duarte, Rossi e Rodrigues (2008, p. 05) “[a] escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras”. Nesse processo de aprendizagem Ferreiro destaca as seguintes etapas, ou hipóteses que são desenvolvidas pelo sujeito aprendente:

[...] pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético. Essa construção, demonstra a pesquisa, segue uma linha regular, organizada em três grandes períodos: 1º) o da distinção entre o modo de representação icônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais); 2º) o da construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de grafias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias). Esses dois períodos configuram a fase pré-linguística ou pré-silábica; 3º) o da fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de

sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no alfabético. (MENDONÇA e MENDONÇA, 2011, p. 38)

Para além das hipóteses de escrita Duarte, Rossi e Rodrigues (2008) destacam que em seus estudos Emilia Ferreiro direciona aspectos de atenção no que diz respeito ao processo de alfabetização, assim diz:

- Restituir a língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso o quanto antes possível à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreendera a relação entre a escrita e a linguagem.
- Não se pode imediatamente, ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica. (DUARTE, ROSSI, RODRIGUES, 2008, p. 02-03)

No que entendemos, Emilia Ferreiro indica que o professor conduz esse processo de aquisição da leitura e escrita de modo a permitir que a criança seja ativa em todo o caminho. O professor deverá atuar como suporte e direcionando o estudo de forma a levar a criança a pensar, se questionar e desenvolver hipóteses que irão consolidar ou rever conhecimentos, proporcionando assim uma aprendizagem mais consciente e significativa para a criança, essa deve ser a ação educativa no processo de aquisição da leitura e escrita.

Já para Ana Teberosky, seus estudos residem principalmente no desenvolvimento da linguagem, e na relação interdependente que a pesquisadora indica no processo de aquisição da leitura e escrita. Para a pesquisadora a interação social é um agente potencializador no desenvolvimento da linguagem, e por consequência no desenvolvimento da leitura e escrita. Assim diz Teberosky:

O diálogo com a criança deve ser rico em vocabulário. Os especialistas defendem que, quanto maior a variedade de modos de interação, maior a gama de estruturas gramaticais e vocábulos aos quais a pessoa tem acesso e mais possibilidades de compreender a estrutura da língua. (TEBEROSKY, 2015, s/p)

Para Teberosky, escrita e linguagem realizam um intercâmbio de diversos modos, e destaca: “O desenvolvimento da oralidade serve para a aprendizagem de quem escreve. E vice-versa: o conhecimento escrito ajuda a aumentar o desenvolvimento oral”. (TEBEROSKY, 2015, s/p). Para Teberosky, de acordo com Lima (2017), no campo da alfabetização sugere-se como ações didáticas:

- a. Ler para os alunos e estimulá-los ao contato com o mundo da cultura e da linguagem escrita;
- b. Fazer com que ocorram situações de escrita, ainda que não dominem o sistema alfabético;
- c. Estimular os alunos a fazer releituras de textos memorizados, pois esse contato para a criança é fundamental no reconhecimento de palavras e construção de sentidos;
- d. Falar sobre cada uma das leituras efetuadas, favorecendo uma compreensão entre todo e parte, aproximando-os da linguagem letrada;
- e. Criar situações de reescrita de textos conhecidos para a aprendizagem de funcionamento da linguagem;
- f. Estimular a leitura de aluno a aluno, tanto com textos propostos pela professora quanto àqueles produzidos pelos alunos. (LIMA, 2017, p. 79)

Paulo Freire (1989) também ressalta a importância do desenvolvimento da leitura e escrita como movimentos “indicotomizáveis”. Em seus estudos colabora com Teberosky sobre a relação da linguagem oral no desenvolvimento da leitura e escrita, tendo em vista que seu método de ensino reside primeiro na construção da “leitura de mundo” de determinado objeto (palavra), para a partir da construção cultural desse objeto explorar a leitura e a escrita.

Nesse processo a linguagem atua como mola propulsora ao desenvolvimento da leitura e escrita. Essa linguagem estando numa ação

dialógica de “leitura de mundo” para a “leitura da palavra” proporciona ao sujeito uma aprendizagem contextualizada e crítica, esse movimento sincrônico pode influenciar na formação de um leitor crítico.

Ainda para Freire (1989, p. 12) “[a] alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora”. Assim, percebemos que mais uma vez as posições de Freire e Teberosky se encontram, pois para ambos o professor alfabetizador é um apoiador no processo de aquisição da leitura e escrita, onde o ator principal é o educando, que como ressalta Freire será criador de sua aprendizagem, o que representa uma aprendizagem ativa e significativa do aprendente.

Deste modo, percebemos que o desenvolvimento da leitura está paralelo ao desenvolvimento da escrita, onde há uma reciprocidade de estímulos. Para Teberosky (2015) a apropriação da leitura ocorre quando há estímulos concretos, quando se lê para uma criança um conto de fadas, uma receita de bolo, um poema, ou uma cantiga; tudo isso é uma forma de promover e estimular de modo contextualizado a leitura. E é essa leitura real que irá promover a formação de leitores conscientes e reflexivos.

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

A formação de leitores críticos é uma ação que pode e deve se iniciar ainda nos anos iniciais, período em que esse processo de construção também tem início, pois assim esse estímulo ao pensamento crítico irá se ancorar e encontrar bases sólidas e significativas para que possa se proliferar de modo substancial nos anos seguintes.

A leitura se antecipa a escola, onde as vivências cotidianas irão gerar conhecimentos ricos para a interpretação do contexto, e é esse conhecimento que irá se desenvolver na escola com ainda mais afinco, ao passo que a escola poderá apresentar outras aprendizagens, novos conhecimentos. Esse caminho é permeado pelo ato de ler, que vai se estimulando e tornando-se cada vez mais crítico. (FREIRE, 1989)

Galvan e Remenche (2013) destacam que a leitura é um processo complexo, abrangente e individual que permite à pessoa seu aprimoramento humano, a ampliação do vocabulário e a rapidez de raciocínio

para a interação com as dinâmicas sociais. Para Galvan e Remenche (2013, p. 02),

o ensino da leitura é fundamental à formação do cidadão, pois possibilita não só a compreensão do mundo, mas também potencializa a reflexão, a ação premeditada e a resposta às demandas de seu contexto social, possibilitando continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Para Silva e Kohn (2016, p. 76) “o caminho para a formação de bons leitores começa na infância”, assim sugere-se que, como coloca Teberosky (2015), o estímulo social atrelado ao desenvolvimento da linguagem pode contribuir para a promoção da leitura crítica, tendo em vista que ler não é tão somente decodificar letras, mas para além, é compreender sua função e contexto social, o que só se pode promover com estímulos e a oportunização da leitura de textos reais.

De acordo com os estudos de Sousa e Almeida (2015) a promoção de um leitor crítico se inicia com o professor alfabetizador que irá contribuir para o desenvolvimento dessa habilidade - a leitura - na criança. Para as autoras, o professor estimula a leitura quando este serve de modelo para seu aluno; onde nesse “modelo” permite a visualização do prazer pelo ato de ler.

Com relação ao ato de ler, Silva e Kohn (2016, p. 78) colocam assim: “O ato de Ler é antes de tudo compreender o que se lê, por isso não basta decodificar sinais e signos. Assim o indivíduo pode ser considerado leitor a partir do momento que passa a compreender o que lê”.

Ao citar Brito (2010), Sousa e Almeida (2015, p. 04) colocam a importância do ato de ler, onde “a leitura forma criticamente os indivíduos e os torna detentores de seus próprios pensamentos e interpretação de tudo que está ao seu redor, pois cada pessoa tem sua visão própria do mundo, [...]”.

Para Freire (1989, p. 09) a importância do ato de ler é uma construção que se dá desde a infância; em diferentes momentos que se colocam o ato de ler em sua existência. “Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘palavramundo’”. Recorda ainda da experiência prazerosa da leitura em sua memória, onde bons professores serão um exemplo de conduta diante

do texto, seja esse professor o de primeiras letras (onde cita Eunice Vasconcelos), de mocidade (José Pessoa), ou dos bancos da faculdade.

As pesquisadoras Sousa e Almeida (2015), apontam como possíveis estratégias para a formação de um leitor crítico: a pré-leitura, onde o leitor se permite imaginar antecipadamente o conteúdo da leitura; a leitura efetiva, onde o leitor se debruça sobre o texto; e, o momento de reflexão, onde os sentimentos e pensamentos envolvidos no ato de ler emergem.

Como outras estratégias de leitura Silva e Kohn (2016, p. 19) destacam os apontados por Isabel Solé (1998), que coloca:

- a) Previsão ou antecipação: diz respeito ao conhecimento prévio que o leitor possui a respeito daquilo que lê;
- b) Inferência: dar novo sentido ao texto com base nos seus conhecimentos prévios;
- c) Verificação: confirmação ou não das hipóteses levantada;
- d) Seleção: Classificar as informações como útil ou não para compreensão do texto.

Já para Freire (1989, p. 14) uma estratégia para a promoção da leitura está na “importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido [...]”, o que destaca a relevância de cada indivíduo construir estratégias que possam colaborar para a efetiva compreensão crítica da leitura.

De acordo com a BNCC (2018, p. 72) “[o] tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, [...]”, ou seja, na escola, as práticas de leitura devem ser orientadas e conduzidas de modo a oportunizar a criança textos reais, que façam parte de seu cotidiano, trazendo informações e temas sociais contextualizados e que oportunizem a reflexão dos alunos.

Segundo Galvan e Remenche (2013) a utilização de gêneros variados, a oportunização de situações diversas de comunicação e vivências literárias são práticas que devem ser desenvolvidas para contribuir para a promoção de sujeitos que possam responder às adversidades cotidianas e compreender criticamente as estruturas sociais.

Freire (1989) destaca neste aspecto que a

compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem

escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 09)

O pesquisador trata ainda, da superação da leitura como ação mecânica e despretensiosa que se realiza apenas por obrigação, coloca que a leitura deve ser motivada e contextualizada com o universo de cada indivíduo, pois assim ganhará sentido. Assim, mais uma vez a leitura como ação prazerosa ganha força, pois mesmo as leituras mais complexas devem ser regidas pelo “ingrediente” motivação.

Nesse aspecto da leitura, quando ela ganha sentido e significado crítico ao leitor, isso possibilita as pessoas começarem a “enxergar o mundo com outros olhos, de forma mais crítica, questionando a ordem das coisas, das relações de poder e até colaborando para a construção do ambiente em que vivem e com o qual estabelecem experiências cotidianas.” (GALVAN; REMENCHE, 2013, p. 04)

O que percebemos é que a leitura crítica é desenvolvida pelo ato de ler, mas não uma leitura por obrigação, para a resolução de tarefas e atividades. A criticidade se desenvolve quando o ato de ler se torna algo prazeroso, se torna prática cotidiana de deleite do próprio leitor. Para que essa ação se desenvolva o estímulo à leitura deve ocorrer mediante diferentes ações: do professor ou familiar como modelo de leitura, pelo ato de contar histórias e ouvir histórias, pelo desenvolvimento de estratégias próprias que contribuam para a leitura fluente e crítica, no acesso a textos contextualizados e de diversos gêneros, entre outros.

De acordo com Nóbrega (2014) o prazer da leitura deve ser despertado na infância, se possível desde os primeiros anos da criança, no ato de folhear livros e ouvir histórias, posto que o gosto pela leitura também está relacionado com os valores culturais e sociais de cada pessoa. Para a autora, “[a] leitura estimula a imaginação, proporciona a descoberta de diferentes hábitos e culturas, amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário”. (NÓBREGA, 2014, p. 10)

Assim, coloca-se que é o ato de ler, é a leitura que possibilita ao sujeito uma formação crítica e ativa. O que permite uma reflexão do contexto social, político e cultural. É na ação e prática da leitura crítica, que se promove a dialética entre sujeito e mundo letrado, é nessa ação que o mundo se transforma. (NÓBREGA, 2014)

Desse modo, a leitura deve se iniciar na educação infantil e anos iniciais à medida que é neste período que o gosto e prazer pela leitura serão iniciados, e sendo o ato de ler também prazeroso permite ao sujeito desenvolver uma leitura crítica. (NÓBREGA, 2014; SILVA e KOHN, 2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando refletimos sobre o ato de ler como uma ação crítica, logo nos levamos a pensar em sujeitos que já dominam a habilidade da leitura e que já se encontram nos anos finais das etapas da educação básica. No entanto, é preciso considerar que a habilidade de leitura inicia seu processo de construção no sujeito ainda na tenra infância, tendo em vista o ambiente socialmente letrado na qual a criança se insere. Desse modo, os estudos realizados no presente artigo buscaram destacar a importância da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico.

Quando se pensa sobre o desenvolvimento da leitura na infância é notório a vasta contribuição que os estudos desenvolvidos por Ana Teberosky e Emilia Ferreiro no campo da linguística tiveram na educação, em particular na reformulação do modo de pensar e agir sobre o processo de alfabetização no Brasil.

No campo da alfabetização destaca-se não apenas a ideia das hipóteses de escrita, mas também a correlação que existe entre o processo de aquisição da leitura e escrita paralelamente a linguagem. Assim observa-se uma reestruturação nas ações didáticas para que estas possam contribuir para o desenvolvimento mútuo da oralidade, leitura e escrita sem deixar de considerar o aspecto social e crítico dessa aprendizagem.

O que os estudos e pesquisas desenvolvidos no campo da psicogênese da língua nos permitem ressignificar o que compreendemos como o processo de leitura e escrita. Observa-se agora, que a aquisição da leitura e da escrita é uma ação íntima, particular a cada sujeito. Nessa

perspectiva o desenvolvimento da leitura e escrita só irão se consolidar quando a criança for ativa, reflexiva e crítica em sua aprendizagem.

Refletir sobre a formação do leitor crítico só é possível quando se tem em mente que o desenvolvimento da leitura requer estratégias, bem como modelos de leitura. Essa combinação deve ainda, estar atrelada a prática de leitura como ação prazerosa e de próprio deleite, posto que a leitura por obrigação não permite ao sujeito que lê aflorar emoções e percepções que podem ser evocadas durante a leitura.

O ato de ler como ação crítica pode se iniciar ainda na infância, nos anos iniciais, diante de situações de prática de leitura de textos reais e contextualizados, que sejam instigantes e significativos para as crianças, assim considera-se de relevante importância a leitura ativa nos anos iniciais para a formação do leitor crítico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. E.; ANDRADE, O. V. C. A.; BRADO, P. S. T. Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, out/dez, p. 1416-1439, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1416.pdf>>.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular. Brasil, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>

DUARTE, K.; ROSSI, K.; RODRIGUES, F. O processo de alfabetização da criança segundo Emilia Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Ano VI, n. 11, jan-jun, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. Ed. São Paulo: autores Associados - Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

GALVAN, J. P.; REMENCHE, M. de R. L. O ensino da leitura na perspectiva do letramento. **Cadernos PDE**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, Paraná, vol. 1, 2013.

LIMA, R. R. Discussão sobre o pensamento pedagógico de Ana Teberosky e o desenvolvimento da lecto-escrita. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, vol.1, n.1, jan./abr. 2017, p.77-86

MELLO, M. C. O. Emilia Ferreiro (1935-) e a psicogênese da língua escrita. In: MORTATTI, MRL., *et al.*, orgs. **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 245-275. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. de. **Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. Acervo digital. Universidade Estadual Paulista: Júlio de Mesquita Filho. 2011. Disponível em: < <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40138/1/01d16t03.pdf> >

Natércia Karen Cândida de Sousa; Sinara Mota Neves de Almeida. **A formação do leitor crítico: a leitura nos anos iniciais como ponto de partida**. [Trabalho de Conclusão de Curso]. 2015. Disponível em: ><http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/551/1/Nat%20C%20A%20rcia%20Karen%20Candida%20de%20Sousa.pdf><

NÓBREGA, Verônica Antonino da. **A importância da leitura nos anos iniciais**. Universidade Estadual da Paraíba, 2014. [Monografia]. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/13687/1/PDF%20-%20VER%20C%2094NICA%20ANTONINO%20DA%20N%20C%2093BREGA.pdf>>

SILVA, Josefa Sandra da; KOHN, Carla Daniela. A contribuição da leitura nos anos iniciais para a formação do leitor crítico. In: **II Encontro Científico Multidisciplinar da Faculdade Amadeus**, Aracaju - SE, 2016. Disponível em: <<http://faculdadeamadeus.com.br/graduacao/Web/content/content-anais/encontro-multidisciplinar/attachments/download/A%20CONTRIBUICAO%20DA%20LEITURA%20NOS%20ANOS%20INICIAIS%20PARA%20A%20FORMACAO%20DO%20LEITOR%20CRITICO.pdf>>

TEBEROSKY, Ana. Ana Teberosky: o diálogo com a criança deve ser rico em vocabulário. [Entrevista concedida a Anna Rachel Ferreira]. **Revista Nova Escola**, fevereiro, 2015. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/56/ana-teberosky-fala-sobre-a-importancia-do-acesso-das-criancas-a-uma-rica-linguagem> >